

# breves considerações sôbre o ROMANCE BRASILEIRO CONTEMPORÂNEO

por AFONSO RIBEIRO

Quem falar do Brasil de hoje não pode, cremos, alhear-se do facto de ser um país extremamente jovem que se realiza e que, em parte, se procura. Nêl nada é ainda definitivo. A evolução, a germinação é, por ora, o seu estado latente. O que para já representa como afirmação de possibilidades é muito. Mas o que

Trechos selectos  
dos principais  
filósofos contemporâneos

**J. THIBAUD**

in *Vie et transmutation  
des atomes*

...«Alguns teorizantes, temerários talvez, querem conduzir-nos ainda mais longe e consideram o Real como de essência matemática. Para êles, o estado evoluído do conhecimento conduziria a uma descrição puramente geométrica do Universo, na qual a pluralidade dos factos de observação não seriam as diversas conseqüências particulares de uma harmonia geométrica superior, tal como a curvatura do Espaço-tempo ou outra.

«Pelo menos, esta recente evolução da física teórica teve a vantagem de nos convencer de que estamos peçados de ideias falsas a-propósito dos conceitos aparentemente mais banais, aqueles que recebemos desde o nosso primeiro contacto com o mundo, e que uma revisão cuidadosa se impõe no que diz respeito a noções tão elementares como as de simultaneidade, tempo, espaço, e mesmo individualidade.»

Nota.—O que significa, nada menos, uma revolução histórica do pensamento, pois que as categorias fundamentais — Espaço, Tempo, Simultaneidade, Casualidade, Individualidade, etc.—perdem o seu carácter imperativo e à priorístico e passam a ser determinados pela ordem das coisas: — transformação radical que nos conduz do Racionalismo clássico ao Racionalismo actual (einsteiniano, russeliano, empiro-logico.)

se adivinha, todo o poderoso potencial de vida em efervescência que aos poucos se desvenda, que a si própria se vai encontrando — é imenso. E porque, em última análise, tôda a obra de verdadeira arte, e particularmente no que diz respeito ao romance, é ao mesmo tempo um reflexo e uma interpretação do momento social em que é criada, temos que a literatura brasileira contemporânea se nos apresenta sob um duplo aspecto: de revelação e movimento. Revelação onde se concentra todo um mundo de energias fortes que livremente se querem expandir; movimento ascendente a que uma curiosidade magnífica, por vezes inquieta, a cada passo levanta problemas.

Dêste germinar contínuo de forças novas, que correm, derivam e se superam, rebeldes por sua própria essência impetuosa à menor disciplina, destas que marcam directrizes, resulta, como não, o avigoramento dos temperamentos mais diversos. É Lins do Rêgo, Jorge Amado, Erico Veríssimo, Raquel Queiroz, Graciliano Ramos, Jorge Lima... Cada um dêles é êle só, sem misturas nem sombras. Cada um desbrava o seu caminho sem querer saber se há outros caminhos já abertos que levem ao mesmo fim. Por vezes alguns dêles topam-se lado a lado a picar no mesmo terreno — é certo. Para lá, porém, dêses contactos fugidios (conseqüência lógica do que de comum existe entre um homem e outro homem) há o carácter próprio a

distanciá-los, a sinceridade interior a actuar. Por forma que ao tomarmos contacto com o romance brasileiro dos nossos dias, a primeira, a grande sensação vem-nos da riqueza íntima dos escritores espalhada pelas suas obras. Englobá-los, pois, em correntes definidas é impossível. A menos que os queiramos limitar. Tínhamos, possivelmente, o refúgio dos dois conceitos de arte literária: subjectivismo e objectivismo. Onde começa, porém, o romance subjectivo e onde termina? Por outro lado, há romance de objectivismo puro? Uma frase curta, uma simples exclamação até, pode muitas vezes revelar-nos com mais verdade uma alma, que compactas fôlhas de laboriosa análise. Quando muito, a divisão poderia servir para indicar os que desenvolvem os seus temas em volta do indivíduo-unidade ou os dos que demandam os seus motivos no campo indivíduo-colectividade. Mas ainda aqui a destrição seria uma limitação, porquanto os assuntos de ordem psicológica podem ser irmanados com os assuntos de ordem social, e tratados em conjunto. O caso de José Lins é frísante.

Absurdo nos parece portanto, tentar filia-los nesta ou naquela escola. E, de-resto, que importa que êles pertencem a uma ou outra corrente? Importa, sim, que a visão do mundo que nos dão, interior ou exterior, traga na sua textura a nota duma realidade sincera. E é precisamente o que resalta da literatura do Brasil de

hoje: a-par-de uma profunda força criadora, um tom de marcada originalidade. De originalidade e insatisfação. A vida, que ora se aprofunda ora se alarga, corre nas suas páginas fumegante e densa como um metal fundido. Não importa que ela nos chega através da desilusão amarríssima do autor de *Usina*, da introspecção crua de Graciliano Ramos ou do amor fraternal por todos os que sofrem de Jorge Amado. É sempre a Vida tomada em si mesma. A Vida descrita, compreendida e anotada nas suas dôres, nas suas alegrias, nos seus anseios. Literatura própria dum povo jovem, mas, precisamente por isso, rica de humanidade e emoção.

## Literatura Colonial Portuguesa

(Continuação da pagina oito)

No jornalismo metropolitano, há muito que o Ultramar não é uma abstracção. Jornais como a *Humanidade*, o *Primeiro de Janeiro*, o *Comércio do Porto*, o *Jornal do Comércio e das Colónias*, o *Diário de Lisboa*, etc., têm os seus redactores de assuntos coloniais. Não seria importuna nem inoportuna a sua representação no Congresso. Mas, fora dos jornais, há jornalistas colonialistas. Há, ainda, os escritores colonialistas e os que desejariam conhecer o Ultramar e acêrca dêle escrever. Há os artistas, igualmente interessados no conhecimento dos ambientes exóticos e de cuja acção se poderia esperar a divulgação das artes indígenas e o aproveitamento das subjectões artísticas do Ultramar...

Razões suficientes para que perguntemos:

—Não valerá a pena rever-se todo o programa dos intercâmbios da Metrópole com o Ultramar e iniciar-se um período de realizações experimentais?